



## ESCRITA FEMININA E DISCURSO EM RACHEL DE QUEIROZ E HELEUSA CÂMARA

Gabriela Machado Silveira  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil  
Endereço eletrônico: gabrielasilveira01@hotmail.com

Adriana Maria de Abreu Barbosa  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil  
Endereço eletrônico: amabarbosa@uesb.edu.br

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho discute a relação entre escrita feminina e discurso em Rachel de Queiroz, com o romance *O Quinze*, e na coletânea de contos de Heleusa Câmara, *Mulheres Acorrentadas*. A produção discursiva aqui analisada versa tanto sobre o discurso que circunda a escrita das autoras como as personagens que por elas são criadas. O objetivo é observar se, e de que modo, formações discursivas feministas norteiam a escrita das autoras.

O trabalho se mostra importante, pois, entender o feminismo como escola de pensamento parece uma urgência frente aos ataques que a filosofia vem enfrentado no cenário político brasileiro. No começo, com as primeiras mulheres escritoras brasileiras, houve uma grande recusa por parte dos críticos tradicionais, defensores de uma “literatura universal”. Segundo esses críticos, a literatura feminina era muito sensível, fútil e trivial, o que fez com que fossem criados estereótipos relacionados à presença de muitos sentimentalismos e pouca qualidade de conteúdo que não versavam sobre o que deveria ser interessante e comum à uma maioria social.

No entanto, estudiosas de crítica feminista vêm analisando essas produções femininas, observando prováveis motivos para a construção dos estereótipos lançados pela crítica de outrora, além de discutir sobre de quem é e o porquê do protagonismo feminino mostrar-se importante nessa escrita de mulheres.

### METODOLOGIA

Sustentando-nos em van Dijk (2010), analisaremos as narrativas das duas obras propostas com base nos Estudos Críticos do Discurso (ECD), os quais se propõem a observar



como o poder social interpela não só as práticas, como também as mentes das pessoas. Os ECD optam por métodos que se concentram “de forma específica nas complexas relações entre a estrutura social e a estrutura discursiva, bem como no modo como as estruturas discursivas podem variar ou ser influenciadas pela estrutura social” (VAN DIJK, 2010, p. 13). Segundo o autor, inserida nos ECD está a Análise Crítica do Discurso (ACD), método principal que norteia este trabalho por se tratar de “um tipo de investigação analítica discursiva que estuda principalmente o modo como o abuso de poder, a dominação e a desigualdade são representados, reproduzidos e combatidos por textos orais e escritos no contexto social e político” (VAN DIJK, 2010, p. 113).

Sendo assim, trata-se de uma pesquisa também bibliográfica, de cunho qualitativo, que propõe levar em consideração as construções discursivas concernentes à produção discursiva em torno das personagens e também das autoras. Para tanto, teóricas como Adriana Barbosa (2011), Virgínia Woolf (2013), Bella Jozef (1989), Ana Cristina César (1999) são importantes para compreender o que ocorre no âmbito literário e nomes como o de Teun A. van Dijk (2010), Joan Scott (1992) e bell hooks (1995) têm grande relevância no âmbito social, cultural e discursivo.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Bella Jozef (1989) afirma que a escrita feminina começou restrita, cheia de limitações e estereótipos. Foi rejeitada pela crítica universal, pois, como na maioria das vezes, costuma falar do ambiente privado e este não seria um conteúdo interessante para quem não compartilha dessa vivência. Sendo assim, muitas mulheres escondiam-se através de pseudônimos masculinos para não enfrentar uma rejeição automática devido ao gênero. Hoje, estuda-se essa reação da crítica majoritariamente masculina e questiona-se se, para analisar um texto de mulher, não seria melhor que uma outra mulher o fizesse (WOOLF, 2013).

É com esse questionamento de Virgínia Woolf que convém pensar se o tipo do sujeito pesquisador também não seria algo relevante a considerar. Afinal, um homem perceberia a profundidade a partir da qual uma mulher escreve a respeito de seu próprio lar? Contudo, ao dizer isso, infere-se também que há realmente uma diferença entre essas literaturas,



observação que nos convida a pensar, como fez Ana Cristina Cesar (1999), se há mesmo uma essência diferente entre um homem que escreve e uma mulher que escreve.

Ao levantar esses questionamentos, penso que antes de se pensar em literatura, deve-se problematizar a respeito do sujeito que escreve. Joan Scott (1992), ao realizar um estudo sobre a presença da mulher na historiografia, denuncia como as mesmas foram excluídas enquanto sujeito, em detrimento de um dito “sujeito universal”. Segundo a autora, a historiografia das mulheres

Questiona a prioridade relativa dada à “história do homem”, em oposição à “história da mulher”, expondo a hierarquia implícita em muitos relatos históricos. E, mais fundamentalmente, desafia tanto a competência de qualquer reivindicação da história de fazer um relato completo quanto à perfeição e à presença intrínseca do objeto da história – o Homem universal (SCOTT, 1992, p. 78).

Diante dessa ideia de universalidade, o que destoa do centro pode ser taxado como marginal. Era assim que a literatura feminina era vista, como menos importante, aquela que focalizada assuntos do mundo privado e, portanto, pouco interessantes. Muitas mulheres procuraram negar um jeito feminino de escrever na tentativa de enquadrar-se se serem aceitas pela crítica. Rachel de Queiroz, por exemplo, foi uma dessas mulheres, a qual chegou a ser vista como “escritor” e ser vítima das suspeitas de que não fora ela quem escreveu *O Quinze*.

Augusto Schmidt, importante nome do Modernismo brasileiro comenta sobre o *Quinze*, dizendo que se trata de “[...] um livro que vem revelar a existência de um grande escritor brasileiro, inteiramente desconhecido. Grande escritor que é uma mulher, incrivelmente jovem” (SCHMIDT, *apud* QUEIROZ, 1972, p. 6)<sup>1</sup>. Ainda segundo Schmidt, “Nada há no livro de D. Rachel de Queiroz que lembre, nem de longe, o pernóstico, a futilidade, a falsidade da nossa literatura feminina. É o livro de uma criatura simples, grave e forte, para quem a vida existe” (SCHMIDT, *apud* QUEIROZ, 1972, p.7).

Percebe-se, portanto, o tom de desprezo ao falar da escrita feminina. Esse poderia ter sido um dos motivos pelos quais Rachel veio a ser um grande sucesso, segundo a crítica, ela não “escrevia como mulher”, sendo assim, fora digna de louvores. A autora cria a personagem Conceição com fortes ideias de subversão em relação aos anos 30. Conceição

<sup>1</sup> Trecho encontrado em nota da 15ª edição de *O Quinze*, publicada originalmente na 8ª edição.



faz leituras socialistas, estuda sobre a condição da mulher, tem seu próprio trabalho e independência econômica, não deseja ser mãe, recusa o amor romântico e não quer se casar.

Heleusa Câmara, baiana natural de Vitória da Conquista, também trabalha com ideais de subversão, porém, ao contrário de Rachel, sua escrita deixa esclarecido que se trata de algo engajado na crítica ao patriarcado que prende, principalmente, mulheres de classe econômica menos favorecida. *Mulheres Acorrentadas* dá voz a protagonistas negras, empregadas domésticas e mulheres submissas às opressões do amor romântico e parceiros abusadores. Ao passo que em Rachel a mulher faz suas próprias escolhas, em Câmara elas estão subjugadas às ações primeiras dos homens que amam e apenas rompem com situações de abuso quando são decepcionadas por estes homens ou forçadas a se retirar da vida deles.

Por exemplo, Joana do conto *Joana da Cata-Nica*, só desiste de Edvaldo quando percebe que ele se separará da esposa para ficar com ela. Só depois de abortar um filho dele, Joana junta as economias de seu trabalho e vai para São Paulo tentar uma vida nova. Loura, do conto *As lutas de Loura*, consegue livrar-se de um casamento com Vavá, seu segundo marido espancador, mas continua apaixonada por Pedro, seu primeiro marido e “amor verdadeiro”. Nota-se que as mulheres de Câmara, diferente de Conceição, são reféns do amor romântico e apenas livram-se dele quando são obrigadas a isso.

A escrita de Câmara é engajada em expor mulheres nessas situações, nas quais o patriarcado grita mais alto, mostrando-se como algo tão enraizado na cultura, que interpela a construção discursiva das protagonistas, fazendo com que desejem viver dentro desse sistema. Já Rachel, talvez pela classe econômica que representa através de Conceição, mostra um discurso de contestação, aquele que reflete, estuda e problematiza sobre as construções sociais. Van Dijk, ao falar sobre estruturas ideológicas, afirma:

Essa estrutura ideológica em si consiste em normas, valores, metas e princípios socialmente relevantes que são selecionados, combinados e aplicados de forma tal a favorecer a percepção, interpretação e ação nas práticas sociais que beneficiam os interesses do grupo tomado como um todo (VAN DIJK, 2010, p. 48).

Conceição parece ter consciência da construção ideológica em torno das mulheres e principalmente de si mesma e chega a tomar forma de um contradiscurso elaborado conscientemente por Rachel, ao passo que Joana e Loura nunca tiveram oportunidade de tomar conhecimento ou refletir sobre a posição que ocupam. É como se Conceição



conseguisse reconhecer-se enquanto sujeito cultural, enquanto a obra de Câmara apresenta mulheres que nunca puderam estar em tal lugar, pois tiveram sempre de ser subservientes a alguém, seja a uma patroa ou ao homem amado.

## CONCLUSÕES

A escrita das duas autoras analisadas representa o poder discursivo que interpela as diferentes particularidades de mulheres, expondo como sua diversidade de classe, raça, escolaridade e maneira de perceber e lidar com o amor romântico podem definir suas ações enquanto sujeitos culturais. Antes de tudo, a escrita feminina mostrada aqui parece trata-se de uma forma de reivindicar uma posição de sujeito histórico social, reivindicar voz, diretos, relatar denúncias, e até mesmo a permissão para dizer-se existente em meio a um discurso hegemônico que nunca antes lhes havia observado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escrita Feminina; Discurso; Rachel de Queiroz; Heleusa Câmara; Subversão.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Adriana Maria de Abreu. *Ficções do Feminino*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2011.

CÂMARA, Heleusa Figueira. *Mulheres Acorrentadas*. Rio de Janeiro: Cétedra, 1982.

CESAR, Ana Cristina. Escritos no Rio. In: \_\_\_\_ *Crítica e Tradução*. São Paulo: Ática, 1999.

HOOKS, bell. Intelectuais negras. *Revista Estudos Feministas*, v. 3, n. 2, p. 464 - 478, 1995.

JOZEF, Bella Karacuchansky. A mulher e o processo criador: A máscara e o enigma. In: COELHO, Nelly Novaes. *Feminino Singular: A participação da mulher na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Edições GRD, 1989.

QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1972.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: Novas perspectivas*. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

VAN DIJK, Teun A. Estruturas do discurso e estruturas do poder. In: \_\_\_\_ *Discurso e Poder*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18  
outubro  
2019**

WOOLF, Virgínia. A nota feminina na literatura. In: \_\_\_\_ *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2013.



**DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**